

Aspectos da Pastoral Escolar nas Escolas Católicas do Brasil

School Pastoral Aspects of the Catholics Schools in Brazil

*Valéria Andrade Leal**

*Sérgio Rogério Azevedo Junqueira***

Resumo: A escola confessional católica marcou presença em território brasileiro desde o início da colonização, sobretudo por meio dos jesuítas. Ao longo do tempo, no entanto, a conjuntura política lhe concedeu papéis diferentes. Na atualidade, a escola católica continua marcando presença no cenário educacional brasileiro e por isso, é o foco de estudo deste ensaio que apresenta a análise de dois questionários respondidos por tais instituições, com o objetivo de comparar os avanços, sobretudo na identificação do ER como área de conhecimento e o surgimento de um setor específico para a ação evangelizadora denominado, pela maioria, como Pastoral Escolar. Respectivamente realizados em 2004 e 2015, os questionários mostram um processo de maturação nas propostas de ações evangelizadoras na escola, com maior ênfase no preparo profissional, nos processos reflexivos expressos em planejamentos e na percepção de outras formas de evangelização escolar fora da

* Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Assessora de Pastoral Escolar do SAGRADO – Rede de Educação (Região Sul). Email: vandradeleal@yahoo.com.br

** Livre Docente e Pós-Doutor em Ciência da Religião, Doutor e Mestre em Ciências da Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR/PR. Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER – www.gper.com.br ou srjunq@gmail.com)

sala da aula com propostas de ações solidárias e fomento de grupos juvenis além do tradicional calendário litúrgico. As respostas obtidas também expressam preocupação com os destinatários da ação, bem como a diversidade religiosa e cultural que pede educação para o diálogo e acolhida das diferenças.

Palavras-chave: Escola Confessional; Escola Católica; Pastoral Escolar; Identidade Institucional.

Abstract: The Catholic confessional school had been present in Brazil since the beginning of the colonization, above all by the Jesuits. Over the years, however, the political situation gave different roles to it. Nowadays, the Catholic school remains a presence in the Brazilian educational scenario and because of this it is the focus of this study that shows the results of the analysis of two questionnaires answered by such institutions, in order to compare the advances, especially concerning the ER identification as an area of knowledge, and the emerging of a specific sector for evangelization called, by most, as Pastoral School. Performed respectively in 2004 and 2015, the questionnaires show a maturation process on the proposals for evangelization activities in schools, with greater emphasis on professional training, reflective processes expressed in planning and the perception of other forms of school evangelization outside the classroom, proposing solidarity actions and promoting youth groups beyond the traditional liturgical calendar. The answers collected also express the concern towards the ones receiving such action as well as religious and cultural diversities that call for education for the dialogue and acceptance of differences.

Keywords: School Confessional; Catholic school; School pastoral; Institutional identity.

Introdução

Este artigo é o resultado do projeto “História e concepções na Educação Religiosa” que mediante ao contexto político, social,

tecnológico e cultural, objetiva-se o desenvolvimento de inovações educacionais para promover reflexões epistemológicas, interdisciplinares avaliando possibilidades e implicações para a identificação dos diferentes ambientes educacionais confessionais nacionais a partir de uma pesquisa qualitativa documental realizada junto as instituições escolares.

Considera-se que no Brasil, a educação escolar confessional é garantida pelo Art. 213 da Constituição Federativa do Brasil de 1988¹ e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,² na qual o artigo 20º assegura o direito às instituições de ensino privado a exercerem atividades de cunho religioso e confessional. A instituição escolar confessional pressupõe um credo e uma religião, pois adota uma confissão explícita no desempenho de suas atividades que assume na perspectiva da espiritualidade. Logo, quando se fala em escola confessional imediatamente se pensa em escola ligada a uma religião.

A confessionalidade que permeia toda estrutura administrativa e o projeto acadêmico da instituição se explicita em seu Estatuto, assim como sua ética, na presença e atuação da Pastoral ou estudos bíblicos extracurriculares, nas disciplinas e no seu objetivo de formação integral da pessoa. Ser confessional não pressupõe fazer proselitismo ou forçar as convicções religiosas da escola em alunos, professores e funcionários. A sociedade hoje vive a pluralidade, a liberdade religiosa e o respeito às crenças individuais e é necessário saber fazer a diferença entre Academia e Igreja, Fé e Ciência. Contudo, como instituição confessional, se reserva o direito de testemunhar sua crença.

O propósito da educação confessional é encorajar seus alunos a pensar e agir reflexivamente por si mesmos, em vez de apenas responder à palavra ou vontade de qualquer figura de autoridade ou

¹ BRASIL, 1988.

² BRASIL, 1996.

ideologia. Os indivíduos devem ser conduzidos à condição de poderem tomar suas próprias decisões e ser responsáveis por elas sem serem persuadidos, dirigidos e/ou forçados. Eles não estão sob o controle de outros, mas estão tomando suas próprias decisões sobre Deus e seus semelhantes.³ Do ponto de vista da escola confessional, isto se dá a partir dos valores por ela assumidos a partir de sua crença.

1. A educação confessional no Brasil

Esta modalidade de instituição escolar confunde-se com a história da educação brasileira, pois a estrutura escolar no país foi organizada sob o domínio religioso português. Também é importante ressaltar que ao se falar em educação confessional no Brasil, entende-se educação confessional cristã, sendo dividido no decorrer da história em dois segmentos, a saber, católico e protestante. Isso se deve pela própria construção do país desde a sua descoberta e colonização, até a sua emancipação como império e mais tarde como república, pois sempre esteve sob a influência da religião cristã. Embora existam grupos educacionais de outros segmentos religiosos como judeus, islâmicos, budistas entre outros, esses são minoritários, não exercendo uma influência significativa na história da educação confessional brasileira. De fato, a presença inicial é a do catolicismo que chegou ao Brasil com a Coroa Portuguesa, devido a um acordo selado, algumas décadas antes do seu descobrimento, entre o papado e a coroa. O Regime de Padroado, assim chamado o acordo, consistia em recompensar o Estado Português na conversão de “infieis” e assim o Papa concederia à Coroa o poder de controlar as Igrejas nas terras conquistadas.

Didaticamente pode-se dividir a história da educação confessional em três períodos: o primeiro, logo após o descobrimento do Brasil, em 1500 a. C., quando este se tornou colônia de Portugal, o

³ JUNQUEIRA, S. R. A. Pastoral Escolar: conquista de uma identidade, 2002, p. 19-20.

segundo período da educação confessional é marcado pela expulsão dos Jesuítas, que ocorre no ano de 1759, por ordem de Marques de Pombal, então 1º ministro de Portugal, e o terceiro período acontece a partir do ano de 1806, com a chegada da família real de Portugal ao Rio de Janeiro.

No ano de 1549, os Jesuítas chegaram ao Brasil dispostos a cumprir uma tríplice missão: a catequização dos índios, que apesar de estarem envolvidos com o paganismo eram suscetíveis da salvação; dar a formação básica para os filhos dos colonos que aqui chegaram para desbravarem as terras brasileiras, mantendo-os dentro da hegemonia da Igreja; e a terceira missão era manter todos afastados da influência protestante, que começava a se alastrar por outras colônias deste continente. Para esse fim, a pedagogia dos Jesuítas caracterizou-se pela transmissão disciplinada de uma cultura literária, retórica e um conhecimento enciclopédico.

Porém a retirada dos Jesuítas do Brasil, no segundo período, foi uma estratégia de Pombal, que fora influenciado pelas ideias iluministas, que formularam a mudança feudal europeia para o sistema capitalista, e que estavam tomando corpo não somente na Europa, mas nas colônias inglesas da África e Ásia. Para ele, a reforma tinha que começar com os educadores e pensadores, por isso a educação tinha que deixar de ser religiosa, que estava do lado feudal, e passar a ser uma educação leiga, longe da fé, pautada na razão, premissa do movimento capitalista do século XVIII. Embora as ideias de Pombal não tivessem êxito em território brasileiro, foi suficiente para desestruturar o que estava acontecendo até então por influência da educação Jesuítica. Sem os Jesuítas e sem outra base educacional, o Brasil passa por um período (1763 a 1810) em que a educação, de forma geral, ficou sem educação formal, sendo um período de grande perda para o país. Neste longo período, a influência de alguns líderes religiosos que ficaram em solo brasileiro, contribuiu para que a educação confessional não desaparecesse e, de

forma velada e não oficial, fosse ministrada nas fazendas e colônias. Com a expulsão de Pombal do Brasil, em 1779, pelo rei de Portugal, retornam aos poucos as ordens religiosas católicas, compostas agora não somente de jesuítas, mas dominicanos e franciscanos, que retomam a educação confessional.⁴

Com a chegada da família real de Portugal em solo brasileiro em 1806, é marcado o terceiro período, para a educação, especialmente a confessional. No ano de 1810, é assinado um tratado de livre comércio entre Portugal e Inglaterra, com isso imigrantes ingleses começaram a fixar residência em solo brasileiro. Como os ingleses não eram católicos, mas sim protestantes, existe a necessidade de praticarem a fé cristã protestante, em detrimento da religião oficial do país ser católica. Na Constituição do Império de 1824, a primeira constituição brasileira, no artigo 5º diz: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico e particular, em casas para isso destinadas, sem forma exterior de Templo”.⁵

Alguns anos mais tarde, por uma série de fatores favoráveis ao Brasil, entre eles as pestes epidêmicas que devastavam a Europa, interesses norte americanos, e as dificuldades em se conseguir mão de obra escrava que pudesse trabalhar nas lavouras das fazendas e na extração de minérios, o país recebe um grande contingente de imigrantes, que na grande maioria não eram católicos em sua essência religiosa. O próprio império tinha interesse na vinda do imigrante, como forma de ajuda ao desenvolvimento do país.⁶

No Brasil, ocorreram dois tipos de protestantismo: o de imigração e o missionário. Entender esses dois tipos de protestantismo é de suma importância para a compreensão da influência dos evangélicos no processo de escolarização de nosso país. O protestantismo de

⁴ MOURA, L. D. *A educação Católica no Brasil*, 2000, 26-32.

⁵ BRASIL, 1824.

⁶ MOURA, L. D. *A educação Católica no Brasil*, 2000, p. 77-80.

imigração surge com famílias e grupos vindos da Europa, Estados Unidos e Inglaterra com o intuito de reconstruir suas vidas e fixar residência no novo país. A preocupação desses imigrantes era a preservação da cultura e da fé, e a escola seria fundamental para isso. O protestantismo missionário tinha o mesmo objetivo do catolicismo: a evangelização dos brasileiros. A dinâmica do protestantismo missionário se constitui na preocupação de evangelização daqueles que não pertencem à sua denominação e fé. Chegaram ao Brasil em meados do Séc. XIX, missionários norte-americanos trazendo consigo diversas denominações do protestantismo histórico aqui existente: os presbiterianos (1868), os metodistas episcopais (1870), os batistas (1881), e os episcopais/anglicanos (1889).

No decorrer de 1860 a 1889, a abertura às diversas denominações religiosas propiciou algumas modificações no panorama, tanto da instrução escolar quanto da abertura de novas igrejas. Com a proclamação da República em 1889, houve o interesse de se aniquilar todo o pensamento imperialista, reinante até então. Sendo que com a implantação do novo regime político em 1889, era preciso, além da justificação racional do poder, a fim de legitimar a República, construir uma nação pautada em valores que mostrassem estar, em definitivo, sintonizados com as mudanças que o mundo moderno apresentava.⁷

O movimento republicano deu à educação do povo um peso que não tinha possuído até então, já que para os republicanos, a democracia se realizaria e se desenvolveria via educação popular para conseguir a liberdade. Com esses ideais de liberdade, a educação deixa de ser oficialmente católica e passaria a ter caráter leigo, conforme expresso no artigo 72, parágrafo 6º da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1891: “será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos”.⁸

⁷ Ibidem, p. 93-97

⁸ BRASIL, 1891.

Surgem, então, dois segmentos paralelos na educação brasileira, o público, que apesar de estar sob o controle do estado ainda não possuía estrutura desenvolvida para ministrar uma educação consistente, por não ter uma política educacional sustentável; e o particular, de caráter quase que exclusivamente confessional, dividido em dois sistemas: o católico, para os de religião cristã católica e o protestante, para os de diversas denominações evangélicas [metodistas, presbiterianos, luteranos, anglicanos, batistas, adventistas], que se fortalecia com a grande quantidade de imigrantes que procuravam manter seus filhos sob a guarda da fé que professavam.⁹

Pode-se dizer que o movimento republicano, apesar de não defender os interesses da Igreja, ou das igrejas, permitiu e incentivou a permanência da educação confessional no ensino privado e a oficializou no ensino público, como vemos na Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 1934.

Ao longo do século XX a sociedade brasileira assumiu progressivamente o seu direito de reconhecer a pluralidade e a diversidade cultural e religiosa, gerando reflexões e revisões de posturas e condutas necessárias a uma sociedade multicultural. Entretanto, a contribuição da escola confessional na sociedade brasileira não foi desprezada, de forma que sua existência foi ratificada na década de 1990. A partir de 1996, a Lei 9394/96, no artigo 20º da LDB, reconhece as “escolas confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas”. Desta forma, a existência de tais escolas é atestada pelo Estado brasileiro reconhecendo sua autonomia e possibilidade de desempenhar sua missão, de acordo com a confissão religiosa a qual pertence.

⁹ HOORNAERT et all. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*, 1992, tomo II/1, 97 ss.

2. A escola católica

O escopo deste ensaio volta a atenção para a escola confessional católica que, embora não se conheça o número exato, sabe-se que marca presença significativa de norte a sul do Brasil. Em primeiro lugar é importante ressaltar que a Igreja Católica entende que a educação “se trata de um serviço ao ser humano, e tudo o que se refere ao ser humano é de seu interesse”.¹⁰ A escola católica é entendida como “a presença da Igreja no campo escolar”,¹¹ compete-lhe “criar um ambiente de comunidade escolar animado pelo espírito evangélico (...) e ordenar finalmente toda a cultura humana à mensagem da salvação, de tal modo que seja iluminado pela fé o conhecimento”.¹²

Desta forma, “a educação tem como ponto de referência a pessoa de Jesus Cristo como modelo de ser humano perfeito, pleno, como bússola a indicar o caminho da realização humana conforme a vontade de Deus”.¹³ O documento Escola Católica, 1977, já afirmava que “o projeto educativo da Escola Católica, que deve ter em conta os atuais condicionamentos culturais, define-se precisamente pela referência explícita ao Evangelho de Jesus Cristo, que deve radicar-se na vida e na consciência dos fiéis”.¹⁴ Desta maneira, seu grande diferencial em relação às outras unidades educacionais é o fato de que atua a partir da fé em Jesus Cristo e a construção do seu Reino, tornando-se lugar de evangelização o que se entende que seja permitido por lei que considera sua identidade específica.

Tendo em vista as mudanças sociais e do perfil religioso de sua clientela marcada, sobretudo, pela pluralidade, a escola católica, ao longo do tempo, buscou formas de manter sua identidade, sobretudo a partir da visão de diálogo com a modernidade inaugurada no Concílio Vaticano II, expressa, sobretudo, na *Lumen Gentium*. “A partir dela, a escola é chamada a assumir para si a mesma missão

¹⁰ LEAL, 2015, p.39.

¹¹ Cf. GE 8.

¹² Ibidem.

¹³ LEAL, 2015, p. 40.

¹⁴ EC 9.

da Igreja, tornando-se sinal de comunhão com o povo de Deus e corpo de Cristo, chamada a testemunhar a caridade do Senhor”.¹⁵ Desta tarefa desafiadora surge a necessidade de melhor sistematização das ações educativas que caracterizam a escola católica. Assim, surge a Pastoral Escolar, genericamente intitulada, como um setor de reflexão e prática da ação evangelizadora a partir das realidades e demandas locais e os carismas próprios das instituições educacionais.

3. A compreensão da pastoral: uma pesquisa sobre a realidade

Em face à existência de inúmeras e distintas escolas católicas em nosso imenso país, no ano de 2015, o Grupo de Trabalho de Pastoral Escolar da ANEC – Associação Nacional de Educação Católica, à luz do *Instrumentum laboris* (2014), da Congregação para Educação Católica propôs-se a realizar uma investigação acerca dos maiores desafios que afetam a Pastoral Escolar, a forma como está organizada e atua nas unidades educacionais de diferentes lugares do país para melhor compreender a identidade, os desafios e os espaços de desenvolvimento da missão que compete a este setor. Para atingir tal fim, organizou um questionário com questões objetivas e subjetivas a ser respondido pelo gestor, agente de pastoral ou similar, conforme a realidade da escola. O mesmo já havia sido feito em 2004 pelo Setor de Ensino Religioso da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com apoio da AEC nacional – Associação de Educação Católica,¹⁶ com o intuito de compreender o desenvolvimento do campo da pastoral escolar e também o Ensino Religioso, amplamente discutido no período. Neste trabalho, segue-se uma breve comparação dos dados levantados em 2004 e 2015, visando a identificação conceitual e pedagógica da Pastoral no espaço das escolas católicas.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Tal instituição foi extinta por ocasião da incorporação da Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas (ABESC), Associação Nacional de Mantenedoras de Escolas Católicas do Brasil (ANAMEC) e Associação de Educação Católica do Brasil (AEC), em 2007.

Para melhor mapeamento desta realidade, o quadro abaixo apresenta os locais em que as escolas participantes do questionário estão situadas.

Quadro 1 - comparativo dos participantes da pesquisa sobre a Pastoral nas Escolas Católicas¹⁷

Região	2004	2015
Região Norte	10	05
Amazonas	02	00
Pará	08	05
Região Nordeste	43	16
Alagoas	06	01
Bahia	16	03
Ceará	00	02
Paraíba	00	01
Pernambuco	21	04
Piauí	00	02
Rio Grande do Norte	00	03
Região Centro-Oeste	0	15
Distrito Federal	00	11
Goiás	00	03
Mato Grosso	00	01
Região Sudeste	98	85
Espírito Santo	02	10
Minas Gerais	39	19
Rio de Janeiro	38	25
São Paulo	19	32
Região Sul	132	51
Paraná	59	13
Rio Grande do Sul	52	29
Santa Catarina	21	09
TOTAL	283	173

¹⁷ ANDRADE & JUNQUEIRA, 2015

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96 – o debate acerca da catequização e evangelização no espaço escolar levou muitas escolas confessionais a entender o Ensino Religioso como área de conhecimento cujo objeto de estudo é o fenômeno religioso e não a fé católica, ou outra, propriamente dita. A partir desta reflexão, em muitas instituições confessionais, o Serviço de Orientação Religiosa, que até então era responsável pelas aulas de Ensino Religioso e as ações evangelizadoras, aos poucos deu lugar a dois núcleos: um para o Ensino Religioso e outro visando a organização e o acompanhamento da Pastoral na escola. A tendência estava bastante evidente em 2004. Consta-se, no novo resultado, que está sendo consolidada esta diferenciação, pois entre as 173 escolas que responderam 162 afirmaram que possuem um setor de atendimento de Pastoral Escolar com diferentes nomenclaturas: Assessoria de Pastoral; Capelania; Coordenação de Pastoral; Departamento de Evangelização, Pastoral e Ações Sociais; Infância e Adolescência Missionária; Pastoral da Juventude Estudantil; Pastoral Educacional; Pastoral Escolar; Serviço de Animação Pastoral; Departamento de Pastoral Escolar. Porém, nomes como Núcleo de Orientação Religiosa; Serviço de Educação Religiosa; Departamento de Ensino religioso e Pastoral; Equipe de Ensino Religioso; Serviço de Orientação Religiosa; Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral; Serviço de Pastoral Escolar e Setor religioso; mostram que a compreensão não é uniforme, mas a preocupação com a sistematização das ações evangelizadoras ocupa um espaço, tempo e pessoal na escola. É alvo de reflexão e recebe recursos para isso, independente de seu status de disciplina escolar ou área de conhecimento.

Confirmando este juízo está o fato de que há existência de planejamento pastoral elaborado pelas instituições, individual ou coletivamente com as mantenedoras. Para algumas, a perspectiva pastoral está articulada com o regimento escolar e no projeto pedagógico institucional. O processo de elaboração e aprovação é

diverso, desde o estabelecido por um indivíduo ou pela equipe local com anuência da diretoria da escola, até processos envolvendo todas as instituições de uma província religiosa com a participação não apenas dos agentes de pastoral, mas de outros profissionais, estudantes e familiares.

Quanto à formação dos envolvidos com a Pastoral, em 2004 não houve questão a esse respeito, mas em 2015 nota-se entre os profissionais contratados presença de: Teólogos (129), Pedagogos (128), licenciados em Filosofia (101), também constatou-se licenciados em História, Sociologia, Psicologia e outras, além de Ciências da Religião. Isso mostra que, aos poucos, o perfil do profissional de pastoral escolar está se consolidando. Critérios como saber ou não tocar instrumento musical, ter sido catequista ou ex-religioso, não mais são determinantes para a contratação do agente de pastoral, sendo-lhe exigida formação mais sólida, o que também se evidencia na preocupação com a formação continuada que teve ampliação de investimento e aparecem em 142 escolas. Esta ocorre a partir de encontros anuais, bianuais, trimestrais, mensais, quinzenais, semanais, organizados pela escola e/ou mantenedora, de forma presencial ou à distância. Os temas mencionados estão relacionados a questões sobre desenvolvimento das faixas etárias, encontros de partilha de experiências, documentos eclesiais, metodologia, espiritualidade, reflexão sobre pastoral, eclesiologia, cristologia, campanha da fraternidade, espiritualidade, liturgia, liderança, bíblia e também à matriz curricular do ensino religioso. Pela análise dos conteúdos apontados pela escola, mais uma vez se nota diferenças na compreensão das escolas quanto à distinção entre a disciplina de ER e ação evangelizadora.

Outra questão nova neste questionário é sobre a presença ou não de religiosos nas escolas, estes estão nas instituições, em sua maioria concentrados na área de gestão das instituições educacionais (Diretorias, Tesourarias, Marketing, Coordenadores Pedagógicos,

Psicólogos, Coordenadores de serviços, setor de pessoal, secretaria, biblioteca). É considerável a presença de religiosos na coordenação de Pastoral e do Ensino Religioso e, como professores, em número reduzido. De forma geral, essa é também um elemento que tem motivado as instituições mantenedoras a investirem na formação continuada e formação do setor de pastoral. O alto número de religiosos nas escolas em tempos idos garantia, de alguma forma, a identidade confessional da escola. Sua atuação era perpassada pela espiritualidade vivida na congregação religiosa e se transmitia naturalmente, assim se pensava. Com a diminuição de religiosos, a confessionalidade da escola torna-se uma preocupação ainda mais evidente, obrigando muitas instituições a investirem na formação de leigos e estratégias de explicitação da identidade e do carisma institucional.

Quando interrogados acerca dos destinatários da ação pastoral, além dos estudantes, as escolas entendem que devem atuar com as famílias (97,1%), com professores (96,5%), com as equipes pedagógica (94,2%), administrativa (89,6%), de manutenção e limpeza (88,4%), com ex-alunos (31,2%) e também com catequistas, voluntários, pessoas atendidas em projetos sociais e grupos ligados à espiritualidade da congregação (11,6%). Nota-se o empenho e a consciência crescente da necessidade de agregar e atingir todos os envolvidos na ação educativa. Entretanto, quando questionadas acerca dos grupos mais desafiadores nota-se que nem sempre integrar os diversos grupos é tarefa fácil. Professores e famílias são os grupos mais preocupantes para 39,9% das escolas, seguido da equipe de manutenção e limpeza (16,2%) e da equipe administrativa (15%). O *Instrumentum laboris*, da Congregação para Educação Católica (2013), justamente chama a atenção para a integração com as famílias quando pensa em formar comunidade e também pela responsabilidade que a Igreja atribui à própria família na formação religiosa da prole.

Da mesma forma, o grupo de professores também merece atenção especial. O *Instrumentum laboris* mostra preocupação com a formação continuada do corpo docente, pois ao educador católico cabe, não apenas ser competente profissional, mas também testemunho de fé e da vivência dos valores cristãos. Juntamente com as demais equipes que atuam na escola, os professores são responsáveis por criar um ambiente de comunidade educativa que favoreça a experiência eclesial, por isso, eles serem apontados como grupo mais desafiador ao lado das famílias é inquietação que toca não apenas à pastoral escolar, mas também à gestão da escola.

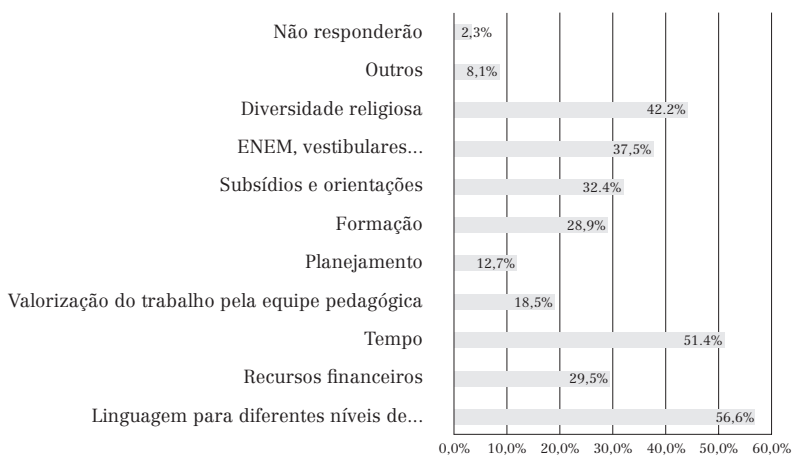
Quanto às ações a ser realizadas por estas equipes de pastoral permanecem muito semelhantes. Em 2004, a ênfase eram as celebrações litúrgicas. De forma geral, em 2015, também se ocupam do ano litúrgico (88%), mas não necessariamente ligados à comunidade paroquial como mostra os números: com frequência (79), raramente (86) e nunca (06) há envolvimento entre escola e comunidade eclesial. No novo questionário existe um destaque para o acompanhamento de ações solidárias e formação de grupos vinculados aos diferentes carismas congregacionais, o que antes não era previsto ou declarado. Outras tarefas são mencionadas como: catequese, encontros de espiritualidade, encontros com jovens e familiares, visitas, retiros, formação humana dos professores e funcionários, jornadas missionárias.

Cresceu o trabalho mais direcionado ao jovem. 70% das escolas que oferece o Fundamental 2 e o Ensino Médio tem trabalho sistematizado com a pastoral juvenil, na maioria ligado ao carisma da instituição. No tocante à relação entre a Igreja e as novas gerações, a Congregação para a Educação Católica (2014) expressa grande preocupação com a formação na fé. Nota-se certo distanciamento entre as novas gerações e a Igreja. Os Bispos do Brasil indicam a cultura moderna e pós-moderna como fator de impacto nas novas gerações que interpela as formas de evangelização da juventude,

e apontam “a subjetividade, as novas expressões da vivência do sagrado e a centralidade das emoções”¹⁸ como elementos dessa cultura que acentuam a indiferença da juventude com relação à Igreja. Trata-se de um desafio pastoral que fica bem expresso, sobretudo nas escolas de Ensino Médio. Das 144 escolas deste nível de ensino, 43,1% afirma que o grupo mais desafiador são os jovens desta etapa.

O gráfico 1 a seguir aponta os desafios pastorais levantados durante a pesquisa. Tanto no trabalho com os jovens, como com os outros grupos de pessoas da comunidade educativa, adaptar-se às diferentes linguagens é outra grande inquietação das equipes de Pastoral Escolar, como se pode notar no gráfico abaixo. São crianças, adolescentes, jovens e adultos de diferentes idades, isso sem falar dos valores e costumes das famílias. Esse leque gera dificuldades para as equipes de pastoral, ou talvez mais para quem trabalhe sozinho, pois da adequação da linguagem, muitas vezes depende a compreensão e assimilação da mensagem.

Gráfico 01
Desafios Pastorais¹⁹



¹⁸ CNBB. Evangelização da Juventude, n. 15.

¹⁹ ANDRADE & JUNQUEIRA, 2015

Nota-se também a preocupação das Escolas Católicas quanto à diversidade religiosa (42,2%). A questão, amplamente discutida pela Congregação para Educação Católica (2013), refere-se aos desafios específicos para uma sociedade multirreligiosa e multicultural. Este pode também ser visto como oportunidade, pois é justamente da heterogeneidade que “surge a necessidade de saber conhecer e dialogar com diferentes crenças e com os não crentes”.²⁰ Para estabelecer esse diálogo urge uma formação adequada que possibilite refletir e compreender a própria identidade e a do outro para assumir a postura de acolhida de Jesus ao relacionar-se com estrangeiros e pagãos. Uma ação evangelizadora pautada apenas em aspectos morais e doutrinários terá maiores dificuldades em lidar com a multiplicidade de crenças, usos e costumes.

Destacam-se outros desafios: a questão do tempo disponível para Pastoral (89), subsídios e orientações para trabalho (67), extrema preocupação com o ENEM e o vestibular (54), os recursos financeiros (53), formação do Pastoralista (50), assim como a questão de não ser valorizado este trabalho pela equipe pedagógica das escolas (30). Os questionários apontam ainda: planejamento das atividades, a clientela das instituições e as expectativas destes, comprometimento do corpo docente e das famílias, desinteresse com a questão religiosa. Tais preocupações colocam em evidência certa dicotomia entre a consciência da missão e a prática pedagógica em face aos desafios do mercado e do contexto, sobretudo quanto ao tempo e a valorização do trabalho pela equipe.

Neste mesmo sentido, merece destaque o desafio dos recursos financeiros. A Congregação para a Educação Católica (2014) cita dificuldade em atender aos pobres, em oferecer os necessários recursos tecnológicos e também da valorização dos profissionais que atuam na escola. O questionário, por sua vez, indica a falta de recursos para

²⁰ CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. O diálogo intercultural na escola católica, n. 55 – Tradução de Valéria Andrade Leal.

ação pastoral. Pode-se pensar em dois critérios: da prioridade e da realidade. Pensando no critério da prioridade, volta-se para a questão da identidade da escola confessional. Muitas vezes, priorizam-se investimentos em tecnologias, em preparação para vestibular, em ambientação e até mesmo decoração de ambientes, na contratação de equipe de eventos entre outros, enquanto à pastoral resta a criatividade dos agentes. Neste caso, precisa haver maior clareza acerca das prioridades da instituição em relação à sua missão. O *Instrumentum laboris* já alerta para o fato de muitas escolas apresentarem-se de forma vendável, esquecendo-se que sua existência se relaciona diretamente com a missão de evangelizar, mas sem esquecer-se de seu compromisso social de oferecer educação de qualidade. Isso vale também para o tempo, apontado como segundo maior desafio. Quanto ao segundo critério, o da realidade, o ponto é reconhecer quais são as reais possibilidades de investimento que a escola tem e pode fazer para, a partir do critério da prioridade, investir corretamente. Isso implica também em criatividade do agente de pastoral em saber criar e usar os recursos disponíveis sem deixar que a falta de algo seja motivo para a evangelização não acontecer.

Considerações finais

Em linhas gerais, percebe-se, a partir dos dados catalogados, que na última década, as Escolas Católicas realizaram reflexões e buscaram meios de melhor realizar sua missão eclesial. Ampliaram a distinção entre o Ensino Religioso e a Pastoral Escolar, com a criação de um setor específico, mostrando real preocupação com a fidelidade à sua identidade católica. O caráter paroquial está dando espaço para o caráter pedagógico e sociológico, levando em consideração todas as variáveis da unidade educacional. O destaque que antes existia em atividades litúrgicas passou para formação de grupos de jovens e ações solidárias, e a ampliação do grupo de destinatários das ações pastorais. Embora haja diversidade nas formas de cada

escola efetivar a ação pastoral, aos poucos, as atividades evangelizadoras têm ocupado espaços além de uma disciplina específica (ER) para abranger outros espaços de convívio e testemunho cristão, bem como permear a ação educativa em todos os ambientes e momentos. Porém, não está claro como elementos para a iniciação e maturação da experiência cristã são articulados, o que mereceria um estudo mais aprofundado.

Da mesma forma, fica atestado maior preparo dos que trabalham com a pastoral e maior interesse das instituições em formar o agente de pastoral para que a ação da pastoral escolar garanta a identidade da escola católica em meio à diversidade para que seja salvaguardado o carisma institucional. Despertou-se para a problemática do planejamento pastoral o que indica que a evangelização na escola é alvo de reflexão. De uma ação que partia de instituições autorreferenciais, aos poucos, se passa a analisar melhor a conjuntura e as diversas variantes que interferem na ação, como mostram também a lista de desafios apontados pelas escolas.

A diversidade religiosa, e também de valores, de culturas, de tribos, facilmente constatada nas escolas confessionais católicas, ainda assusta, conforme mostram os questionários. Embora seja vista de forma menos ameaçadora, ainda é desafiante. Há um processo de maturação na forma como entender e lidar com as diferenças, visto que muitos dos valores católicos não são normativos para a grande maioria, inclusive de católicos, o que está levando a novas formas de ação, mais marcada pelo testemunho do que pelo discurso. A escola católica, desde a própria Congregação para Educação Católica, tem assumido uma postura de maior aceitação, cuidado e diálogo com as diferenças e começa a entender isso como oportunidade de crescimento para si mesma. Oxalá, esse processo se solidifique e contribua para uma sociedade mais acolhedora e justa.

Bibliografia

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- _____. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEX: UFPR/PROGRAD. Curitiba, 1997.
- _____. *Constituição Política do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 1824*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao24.htm>. Acesso em 24 out. 2006.
- _____. *Constituição (1891) Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1891*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm>. Acesso em 24 out. 2006.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Declaração Gravissimum Educationis*: sobre a educação cristã. In: COSTA, Lourenço (Coord. Geral). Documentos do Concílio Ecumêneo Vaticano II. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. pp. 321-338.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da Juventude*: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção documentos CNBB; 85).
- CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova (*Instrumentum laboris*). Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html. Acesso em: 10 abr. 2015.
- _____. Educare al dialogo interculturale nella scuola cattolica. Vivere insieme per una civiltà dell'amore. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20131028_dialogo-interculturale_it.html. Acesso em: 12 dez. 2014.
- _____. Escola Católica. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html>. Acesso em: 29 jul. 2010.
- HOORNAERT, Eduardo; AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus Van der; BROD, Benno. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Tomo II/ 1. Petrópolis: Vozes, 1992.

JUNQUEIRA, Sérgio. *Pastoral Escolar: conquista de uma identidade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEAL, Valéria Andrade. *Animação bíblica da escola*. Um “pensar bíblico” para uma releitura da educação e da vida. São Paulo: Paulus, 2015.

LEAL, Valéria Andrade; JUNQUEIRA, Sérgio. Pesquisa sobre a Pastoral Escolar. Curitiba: mimeo, 2015.

MOURA, Laércio Dias de. *A educação Católica no Brasil*. São Paulo: Loyola/ANEC, 2000.

Recebido em: 12/11/2015

Aprovado em: 10/05/2016